

CAJUCULTURA E PROBLEMAS SOCIOAMBIENTAIS NA CIDADE DE SEVERIANO

MELO - RN

Francisco Gabriel da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado Profª Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM).
gabriel_sylvie@hotmail.com

GT 02. GESTÃO E MEIO AMBIENTE NO SEMIÁRIDO

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a influência que a cajucultura exerce sobre a cidade de Severiano Melo - RN, reconhecendo que essa atividade produtora necessita ser avaliada ao passo que acelera alguns problemas socioambientais, entre eles o processo de desertificação que vem sendo acelerado em algumas áreas do município em detrimento da cultura mencionada. Abordar-se-á como esse processo de produção se iniciou, bem como as influências do mesmo ao longo da história da cidade, e como ocorre nos dias atuais. Para tanto, se tentará caracterizar a cidade em seus aspectos fisiográficos, como também refletir a cajucultura no cenário economia municipal e influência local. Faz-se uso dos estudos e contribuições de Soares, Mota Filho, e Nobrega (2011), que nos fornecem importantes elementos na compreensão e entendimento a respeito da desertificação; Oliveira e Carneiro (2011), que contribuem para o entendimento da produção do espaço e a cajucultura de Severiano Melo; bem como alguns documentos oficiais que caracterizam e dão informações a respeito do município e das problemáticas estudadas, a exemplo disso: o Atlas das áreas susceptíveis à desertificação, de Brasil (2007), elaborado pelo Ministério do meio Ambiente e o Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea do Estado do Rio Grande do Norte do Serviço Geológico do Brasil (CPRM) onde descreve o Diagnóstico do Município de Severiano Melo. As reflexões que aqui foram embutidas resultam da análise das referências teóricas citadas em consonância com conhecimentos e observações vivenciadas no município, como relatos orais de proprietários de terra e secretário municipal de agricultura.

Palavras-chave: Cajucultura; Severiano Melo; Meio Ambiente.

1 Introdução

A cidade de Severiano Melo, conhecida como “terra do caju”, é marcada por essa cultura que lhe confere esse codinome. Cultura que ocorre em virtude das condições naturais e criadas pelo homem em que essa cidade se encontra, assim como também influi no espaço, na ocupação e não relações ambientais, econômicas e sociais dos sujeitos dessa cidade.

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a influência que a cajucultura exerce sobre a cidade de Severiano Melo - RN, reconhecendo que essa atividade produtora necessita ser avaliada ao passo que acelera alguns problemas socioambientais, entre eles o processo de desertificação que vem sendo acelerado em algumas áreas do município em detrimento da cultura mencionada. Abordar-se-á como esse processo de produção se iniciou, bem como as influências do mesmo ao longo da história da cidade, e como ocorre nos dias atuais. Para tanto, se tentará caracterizar a cidade em seus aspectos fisiográficos, como também refletir a cajucultura no cenário economia municipal e influência local.

Na construção desse trabalho faz-se uso dos estudos e contribuições de Soares, Mota Filho, e Nobrega (2011), que nos fornecem importantes elementos na compreensão e entendimento a respeito da desertificação; Oliveira e Carneiro (2011), que contribuem para o entendimento da produção do espaço e a cajucultura de Severiano Melo; bem como alguns documentos oficiais que caracterizam e dão informações a respeito do município e das problemáticas estudadas, a exemplo disso: o Atlas das áreas susceptíveis à desertificação do Brasil (2007), elaborado pelo Ministério do meio Ambiente e o Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea do Estado do Rio Grande do Norte do Serviço Geológico do Brasil (CPRM) onde descreve o Diagnóstico do Município de Severiano Melo.

As reflexões que aqui foram embutidas resultam da análise das referências teóricas citadas em consonância com conhecimentos e observações vivenciadas no município, como relatos orais de proprietários de terra e secretário municipal de agricultura do município.

2 Município de Severiano Melo

O município de Severiano Melo (**Figura 1**) foi criado foi criado pela lei nº 2.991, de 03/12/1963, desmembrando-se do município de Itaú. Está situado na Mesorregião Oeste Potiguar, especificamente na Microrregião de Pau dos Ferros, limitando-se com os municípios de Apodi – ao Norte, Itaú – a Leste e Sul, Rodolfo Fernandes – a Oeste e Sul e com o Estado do Ceará na porção Oeste, abrange uma área de 141 km² (Brasil, 2005).

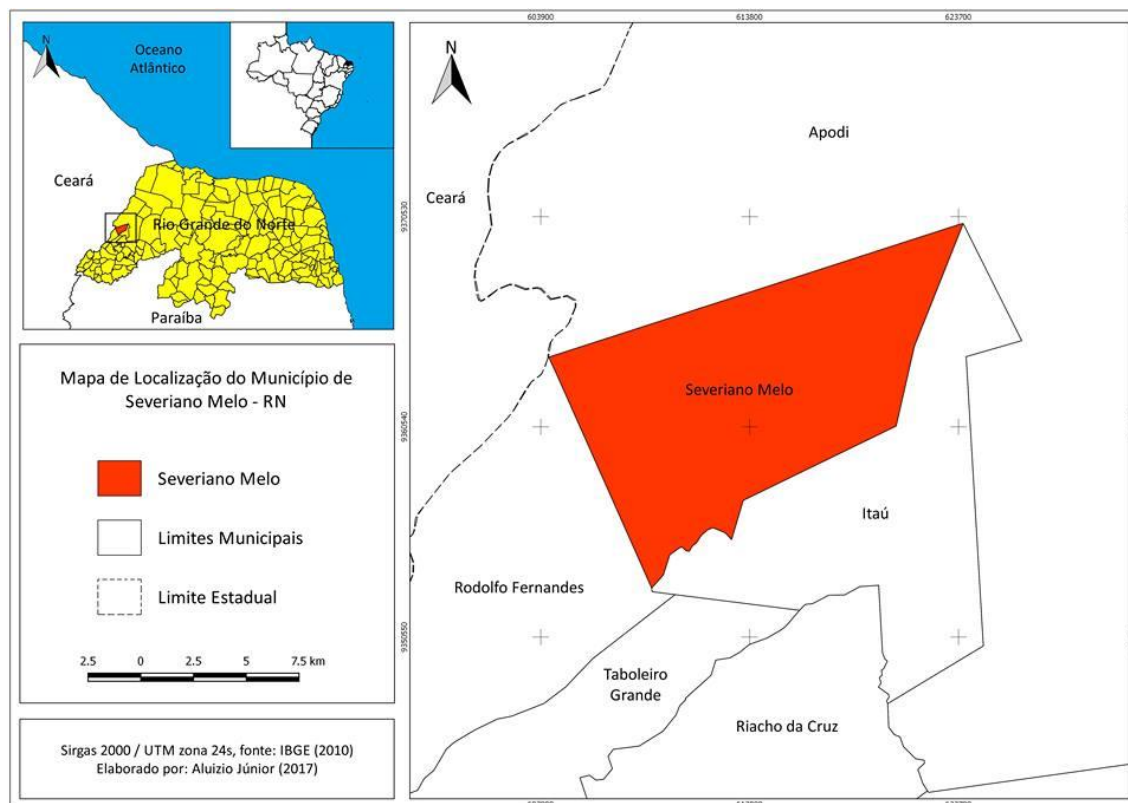


Figura 01 – Localização do município de Severiano Melo-RN

Fonte: BEZERRA JÚNIOR, A. (2017)

De acordo com Brasil (2005), o município é caracterizado pela presença de clima muito quente e semiárido, com estação chuvosa irregular atrasando-se para o outono. Sua vegetação compreende-se como Caatinga Hiperxerófila de vegetação com caráter mais seco, com abundância de cactácea e plantas de porte mais baixo e espalhadas, das quais se destacam de jurema-preta, mufumbo, faveleiro, marmeleiro, xique-xique e facheiro.

Segundo Jacomine *et al* (1971), os solos predominantes em Severiano Melo são classificados em Bruno não Cálcico (nc), Podzólico Vermelho amarelo Equivalente Eutrófico (pe) e Regossolo (re), esses após a nova Proposta de Atualização da Segunda Edição do Sistema Brasileiro de Classificação de Solo, EMBRAPA (2012), passam ser denominados, respectivamente, de Luvissolo, Argilosso e Neossolo regolítico.

(BRASIL, 2005, p. 4), caracteriza a do município como estando:

[...] geologicamente inserido na Província Borborema, está constituído por litótipos do Complexo Jaguetama e por sedimentos da Formação Açú. O Complexo Jaguetama (PP2j) está constituído por ortognaisses migmatizados de composição tonalítica/granodiorítica/granítica, migmatitos e restos de supracrustais. A

Formação Açú(Ka), está constituída por arenitos variegados, folhelhos e argilitos relacionados a leques aluviais e sistemas fluviais.

Em relação ao relevo, a cidade possui altitude de 200 a 400 metros. E situa-se na Depressão Sertaneja, apresentando terrenos baixos situados entre as partes altas do Planalto da Borborema e da Chapada do Apodi.

Dentre as atividades agrícolas de cidade de Severiano Melo destaca-se a pecuária extensiva e a agricultura do milho e feijão consorciados que em algumas propriedades são plantados nos pomares de cajueiros. Nesse sistema de plantação criasse um modo em que se aproveitam economicamente os períodos de produção das culturas, uma vez que o cajueiro produz no período seco, com pico de produção de outubro a dezembro.

Aproveitam-se os espaços nos pomares para a plantação do milho e feijão, que dependem das precipitações para se produzir, onde embora haja uma irregularidade nas chuvas, os períodos de produção dessas culturas acontece no primeiro semestre do ano (período em que a colheita do caju já ocorreu), como já mencionado, a depender das chuvas, já que sem irrigação apenas culturas resistentes a seca e de raízes profundas são cultiváveis nos solos severianenses.

A aptidão agrícola dos seus solos se caracteriza como regular e restrita para pastagem natural lavouras, aptas para culturas de ciclo longo com algodão arbóreo, sisal, caju e coco. Possuindo uma menor área com aptidão restrita para lavouras. A exemplo dessa aptidão foi o cultivo do algodão que se deu no início da história do município e se constituiu como economia importante no mesmo, mas ante a desvalorização econômica do algodão abre-se espaço na produção de castanha de caju.

3 A cajucultura em Severiano Melo

Severiano Melo sempre sobressaiu como grande produtora da castanha de caju, tendo se destacado no estado do Rio Grande do Norte, atestando isso Oliveira e Carneiro (2011, p.4) dizem:

O Rio Grande do Norte se destaca entre os demais estados do país por sua produção de castanha de caju em larga escala, com área de cultivo em 2009-2010 de 118.295 hectares e uma produção média de 45.000 toneladas (CONAB, 2009-2010). Dentro do estado se destaca a cidade de Severiano Melo, que na safra 2009-2010 delimitava uma área produtiva de 6.735 hectares e uma produção média de 2.255 toneladas por safra, se tornando o maior produtor da microrregião de pau dos ferros e um dos maiores do estado.

Percebendo a posição de destaque dessa monocultura na cidade, cabe entender como essa atividade se iniciou. O fato é que a partir da valorização do preço da castanha de caju na região, os proprietários de terra começaram a aderir a atividade que vinha em curso. Desde a emancipação política em 3 de dezembro de 1963, a cidade já produzia a cultura do caju, mas é a partir das décadas seguintes que sua economia muda, e as culturas antes cultivadas como o algodão e a carnaúba (culturas permanentes) o feijão, milho (culturas temporárias) perdem espaço para a cajucultura.

Ocorre uma substituição de culturas que não engloba apenas o feijão e milho, até porque essas culturas, como já citado, ainda hoje são plantadas e dividem espaços com os cajueiros. Houve uma substituição de culturas permanentes como a carnaúba e o algodão, que no decurso histórico foram economias importantes para o desenvolvimento do município.

É importante salientar que não ocorre uma simples substituição de culturas para o município possuir hoje 6.735 hectares de terra para produção da cajucultura, houve a derrubada da vegetação natural. Onde o uso de “Brocas” (termo popular referente a derrubada e queimada da vegetação natural de uma determinada área pra a agricultura) foi usado para abrir espaços para os pomares, ocasionando impactos ambientais.

As fazendas começaram a produzir o cajú e a castanha, se tornando uma economia viável ao local. De modo que os proprietários de terra, em sua maioria, permitiam as brocas, para que os agricultores plantassem e em troca da disponibilidade da terra, em consonância com as culturas temporárias plantadas (milho e feijão), se plantava os cajueiros que se firmavam no solo no período chuvoso e por não requerer muitos cuidados e altas precipitações se adaptavam bem ao clima e ao solo da região.

Desta maneira embora a cultura plantada não desse um retorno imediato, tendo em vista o período pra que a árvore se desenvolvesse e iniciasse a produção, o custo para implantação da cultura era mínimo, já que se contava com a mão de obra não remunerada e não necessitava de manejos caros como uso de irrigação, por exemplo.

4 O processo de desertificação e a deterioração edáfica no município de Severiano Melo

A Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação (UNCCD) estabelece as regiões climáticas de abrangência da desertificação, havendo a necessidade da adoção de medidas mitigadoras desse processo nas áreas de sua incidência, o qual ocorre nas regiões climáticas áridas,

semiáridas e subúmidas secas. Onde sabemos que o Brasil não possui áreas de clima árido, apenas semiárido e subúmido seco com índice de aridez entre 0,20 e 0,65 (BRASIL, 2007).

Conforme Soares, Mota Filho, e Nobrega (2011, p. 175), relatando o Artigo 1 da Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação (UNCCD), a desertificação “significa a degradação da terra nas zonas áridas, semiáridas e subúmidas secas, resultante de vários fatores, incluindo as atividades humanas e as variações climáticas.”

Duque (1953) apud Soares, Mota Filho, e Nobrega (2011), ao avaliar os processos de degradação dos solos no Nordeste e sua consequente perda da capacidade produtiva não emprega o termo “desertificação”, mas afirma, em razão da deterioração edáfica, que não haverá um deserto físico como o Saara, nem haverá diminuição de chuvas, mas sim a formação de um deserto econômico.

Assim, nesse contexto é possível enxergar a cidade de Severiano Melo na atualidade. Não temos áreas com efetiva desertificação. Podemos entender aqui a desertificação como um processo mais amplo e efetivo, a cidade em discussão ainda não foi classificada como estando nele. Mas, considerando os processos naturais e antrópicos que ocorreram ao longo da história do município, ainda ocorrendo hoje em algumas áreas do seu território, principalmente em virtude da cajucultura, enxergamos que algumas áreas da cidade caminham para a desertificação.

O termo deterioração edáfica tão bem empregado anteriormente e que resulta nos desertos econômicos é vivenciado na atual agricultura do município. Dos mais de 6 mil hectares de pomares de cajueiros do município de Severiano Melo, mais de 3 mil já morreram (informação repassada oralmente, por funcionário da secretaria de agricultura do município), e os cajueiros que sobreviveram a seca e a pragas (como a mosca branca) ainda não recuperaram sua capacidade produtiva e talvez não recuperem.

Assim, observamos que a deterioração edáfica que inicia desde a introdução da cultura com desmatamento da caatinga com atividades que modificam a estrutura física e química deste bioma, influem no processo. Portanto, a monocultura do caju agride o meio ambiente desde a preparação do terreno para o plantio dos cajueiros, por meio do desmatamento da mata nativa, e posteriormente pelo uso das queimadas, prejudicando o solo, o lençol freático, o ar e as espécies de fauna e flora.

Hoje a atividade que tinha forte influência na economia do município situa-se numa condição improdutiva. Havendo uma condição de não estar em um meio natural de desertificação de fato, mas em um deserto econômico que tem se efetivado.

A desertificação esta sendo frequentemente induzida pelo homem, mesmo em regiões em que o clima não é muito desértico, como é o caso de Severiano Melo, que esta nesse contexto de

Brasil. O uso inadequado do espaço físico é o que tende a favorecer o processo citado. Houve a ocorrência de uma seca nos últimos cinco anos que somada com um mau uso do espaço físico que ocorreu a muitos anos, desde a introdução da monocultura do caju, revela a necessidade de uma preocupação ambiental. O fato é que estando a cidade na região semiárida e submetida à secas periódicas, o processo de desertificação que aqui é trabalhado é algo natural, mas, não se pode nem se deve negar a ação antrópica que contribuiu e vem contribuindo para o aceleração do processo.

Pode-se pontuar dois fatores que se constituem como marcantes na degradação ambiental de algumas áreas do município de Severiano Melo, em que a cajucultura se configura como contribuinte pra uma desertificação que vem em curso. O primeiro refere-se ao início da implantação da cultura, na qual muitos hectares de terra, de diferentes proprietários, tiveram sua vegetação natural retirada para a implantação da monocultura do caju, que vinha em desenvolvimento na década de 70 e se mostrava como uma cultura empreendedora na região. O segundo fator, mas recente, trata-se do declínio da atividade, que ocorre devido ao período de estiagens nos últimos 5 anos que assolou a região e contribuiu para a morte dos cajueiros. Portanto, nota-se que o processo de desertificação que se inicia em algumas áreas é marcado desde o início da monocultura até o seu declínio.

Em meio as mudanças citadas a respeito da produção da cajucultura na cidade, averigua-se mudança nos próprios espaços e na dinâmica econômica das propriedades. Perde-se nos últimos anos, uma significativa parte do potencial produtivo do caju e de sua castanha se encontra em constante declínio.

O desequilíbrio causado pela monocultura do caju repercute na perda de produtividade do solo, ocasionado pela falta de rotação de culturas e outros processos. Ocorrendo de tal maneira um mau balanço físico, químico e biológico, que não podem ser entendidos apenas em processos atuais, mas o decurso histórico e a forma com que se fez e faz o uso do solo, contribui pra alguns aspectos que conhecemos hoje nos pomares de cajueiro do município.

Economicamente falando, há uma preocupação com a economia local. No município além de contribuir com a renda dos moradores locais, havia a existência marcante da migração temporária – em que os migrantes de outras cidades do estado do RN vinham para o município apenas por um período pré-determinado (época da colheita da castanha e do caju), e fixavam-se com suas famílias em casas e/ou galpões nas fazendas, conseguindo uma renda satisfatória de acordo com as produções das famílias nos três meses de colheita. Atualmente com o declínio da safra da cajucultura, esses movimentos migratórios citados não são mais vistos na cidade, e muitos

moradores locais perderam a contribuição para suas rendas e dependem muito de programas sócias do Governo.

Atualmente, o município se destaca como produtor da lenha do cajueiro, (**Figura 2**) que vem sendo retirada para abastecer fornos de cerâmicas, padarias e outras indústrias que faz uso da lenha em seus modos de produção. Antes era visto nas rodovias da cidade muitos caminhões com caju e/ou castanha de caju, hoje continua-se a existir os caminhões transitando pela cidade, mas agora carregados de lenha dos cajueiros (**Figura 3**).

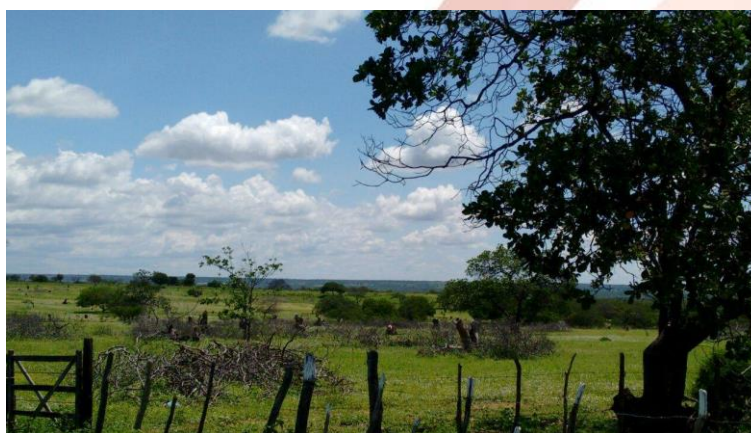


Figura 2: Mudanças nos espaços produtiva da cajucltura em Severiano Melo/RN

Fonte: SILVA, F. G. (Abril de 2017)



Figura 3: Transporte de lenhas de cajueiros em Severiano Melo/RN

Fonte: SILVA, F. G. (Abril de 2017)

A venda da lenha do cajueiro é uma atividade econômica que não dá muito lucro aos donos de terra (como mencionado na fala oral de alguns proprietários), mas, em meio às precariedades existentes com o declínio da cajucultura se configura com uma alternativa de renda indispensável.

5 Considerações finais

Ante alguns problemas de caráter econômico da cajucultura do estado do Rio Grande do Norte, problemas que não são só vivenciados na cidade de Severiano Melo, mas em outras cidades produtoras da economia citada, houve a criação da Câmara Técnica Setorial da Cajucultura recentemente em 10/10/2017. Dia em que foi escolhido os representantes de cada região presentes na reunião já contado no diário oficial do Rio Grande Do Norte.

Nos últimos da atual gestão municipal de Severiano Melo, é relatado pelo secretário de agricultura, a preocupação com a revitalização dos cajueiros para que o município atenda às suas necessidades econômicas e sociais representadas pela cajucultura. Mas, para além de se repensar apenas a reestruturação da monocultura no município, é importante o cuidado com as práticas que essa atividade repercutiu e vem repercutindo em solos severianenses.

Há a necessidade de estabelecer o objetivo de manter a cajucultura em condições de sustentabilidade e competitividade. A renovação dos pomares envelhecidos, e que veem morrendo ou estão improdutivos, é de consenso geral como algo importante a ser feito no município. Aliado a isso deve-se ser questões de melhor manejo do solo, de manutenção da caatinga, da fauna e da flora local, a fim de que se consiga tornar os solos produtivos por mais tempo. O estudo feito a respeito da desertificação exige entender as várias partes que influem no processo, devendo-se levar em consideração tanto o quadro natural quanto o quadro socioeconômico que envolve as múltiplas relações na produção de um determinado espaço. A cajucultura desenvolvida na região pode gerar alguns impactos que prejudicam o bioma caatinga, pode contribuir para a degradação do solo e da água, além de afetar os proprietários economicamente, uma vez que tais impactos prejudicam também a produção dos cajueiros.

As atividades agrícolas realizadas pelos cajucultores impactam o ecossistema local por meio da retirada de boa parte da cobertura vegetal, eliminando diversas espécies vegetais e animais, poluindo o solo e as águas com a utilização de agrotóxicos. As queimadas realizadas e diversos outros processos, que deveriam ser realizados de formas diferentes para não agredir a fauna e a flora devem ser repensadas no local. O ideal seria que o poder público implantasse programas de

orientação e suporte técnico e pessoal para o ambiente rural, ligados ao manejo correto do solo e da água no semiárido baseados nos conceitos agroecológicos, favorecendo o desenvolvimento de uma agricultura sustentável.

Referências

BRASIL. SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL (CPRM). Ministério de Minas e Energia. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea Estado do Rio Grande do Norte – Diagnóstico do Município de Severiano Melo**. Recife, 2005

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisas de Solos. **Proposta de Atualização da Segunda Edição do Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2012.

JACOMINE, Paulo Klinger Tito; SILVA, Fernando Barreto Rodrigues e; FORMIGA, Rheno Amaro; ALMEIDA, Jeronimo Cunha; BELTRÃO, Valdir de Araújo; PESSÓA, Sérgio Costa Pinto; FERREIRA, Roberto Chaves. **Levantamento exploratório - reconhecimento de solos do estado do Rio Grande do Norte**. Recife: SUDENE-DRN, 1971.

Oliveira, F. T. R.; Carneiro, R. N. A Produção do Espaço e a Cajucultura em Severiano Melo. **Revista Geotemas**. Pau dos Ferros-RN, v.1, n.2, p.3-17, jul/dez, 2011.

SANTANA, M. O. **Atlas das áreas susceptíveis à desertificação do Brasil**. Brasília: MMA, 2007.

Soares, D. B. S. ; Filho, F. de O.; Nóbrega, R. S. Sobre o Processo de Desertificação. **Revista Brasileira de Geografia Física**. UFPE, v.1, n.1, p.174-188, 2011.